

---

## *O Réveillon do terceiro-milênio: entre crenças e práticas culturais*

*The third millennium the Réveillon:  
among beliefs and cultural practices*

*Kalliany Moreira Menezes Vitoriano\**

---

**Resumo:** O presente artigo busca analisar as crenças e práticas culturais relacionadas ao início do terceiro-milênio, em Fortaleza – Ceará. Assim, vasculhamos essas manifestações em jornais (*O Povo* e *Diário do Nordeste*), no período de 1998 a 2001. Segundo esses veículos, milhões de pessoas esperavam que o *Réveillon* 2000 inaugurasse o terceiro milênio. Simbolicamente, um ano cheio de zeros nos encorajaria a retomar algumas superstições, que garantissem uma vida plena de felicidade. Todavia, tal passagem ocorreria apenas no ano seguinte, em 2001. Podemos perceber toda a singularidade de estarmos iniciando um novo milênio no *réveillon* 2000 (milênio psicológico) e, posteriormente, toda a decepção diante do *Réveillon* 2001 (milênio cronológico).

Porém, apesar desse desencanto, prosseguimos a imaginar como será o dia de amanhã e a desenhar um horizonte de expectativas.

**Palavras-chave:** Milênio. Crenças. Práticas culturais. Tradição.

**Abstract:** This article analyzes the beliefs and cultural practices related to the beginning of the third millennium, in the city of Fortaleza – Ceará. Therefore, we searched these events in newspapers (*O Povo* and *Diário do Nordeste*), from 1998 until 2001. According these media outlets, millions of people expected that the *Réveillon* 2000 could to inaugurate the third millennium. Symbolically, a year full of zeros encourage us to return some superstitions, that guaranteed us a life full of happiness. However, this passage would occur only in the following year, in 2001. We can perceive all the uniqueness that we are starting a new millennium on the *Réveillon* 2000 (psychological millennium), and subsequently all the disappointment face the *Réveillon* 2001 (chronological millennium). However, despite these disappointments, we continue to wonder how will the day of tomorrow and draw a horizon of expectations.

**Keywords:** Millennium. Beliefs. Cultural practices. Tradition.

---

\* Graduada e Mestre em História pela Universidade Estadual do Ceará (Uece). Professora no curso de História da Universidade Estadual do Piauí (Uespi), Campus São Raimundo Nonato. *E-mail:* kalliany\_menezes@yahoo.com.br.

## O milênio psicológico

Figura 1 – Charge de 1999



Fonte: Sinfrônio (1998, p. 2).

O ano de 1999 provocou grandes interrogações como bem-expressou o chargista Sinfrônio. Essa busca de respostas, aparentemente, seria comum a todo princípio de ano, porém esse não seria um ano qualquer. Desde sua véspera, estava repleto de expectativas sobre o milênio: “Celebrações antecipam o ano 2000” (1999, p. 6), “Início de 1999 já é ofuscado por milênio” (1999). Assim, ele não só seria ofuscado, mas também confundido como sendo o último representante de tal milhar de anos. Segundo a jornalista do *O Povo*, Dayse Regina Ferreira (1999, p. 1), a data estaria provocando uma verdadeira histeria coletiva, fazendo com que todos sofressem de “TPM – Tensão Pré Milênio”.

Assim, milhões de pessoas celebraram o milênio psicológico no *Réveillon* 2000, enquanto tal passagem ocorreria apenas no ano seguinte, em 2001, no verdadeiro milênio cronológico segundo o artigo “A noite

do renascimento”. (Diário do Nordeste, 1999). Para o professor da Universidade Estadual do Ceará (Uece), Doutor em Geografia Humana, Luiz Cruz Lima (1999, p. 7), esse milênio psicológico teria sido alimentado por interesses comerciais que, em uma estratégia de *marketing*, buscavam vender o milênio duas vezes:

O que não é elementar é a divulgação pela mídia nacional (revista *Veja*, por exemplo), de que estamos entrando no Terceiro Milênio. Isso transpira interesse comercial, ao verificarmos as impetuosas investidas empresariais em promoções de mega-eventos. O ano 2000 transformou-se numa data simbólica de uma metamorfose repentina, com uma ruptura no tempo, dando início ao Terceiro Milênio. Por certo, isso será repetido no final do ano 2000, com novas fanfarras comerciais. Parece-nos uma estratégia, de real interesse dos promotores de festas. Expectativas se evidenciam no início de cada ano e, por certo, intensifica-se numa data expressiva de um ano de número cabalístico, como 2000. É próprio do sistema capitalista esse tipo de comportamento, inventor de necessidades nos momentos de crise do consumo, apelando para o mítico (1999, p. 7).

Tal *Réveillon* havia realmente gerado muitas promessas em todos os setores da economia. Na expectativa de uma procura formidável, donos de hotéis, restaurantes, companhias de aviação e casas de espetáculo inundaram o mercado com suas progandas e dispararam seus preços. No Ceará, para muitos empresários seria a melhor temporada dos últimos anos para o setor hoteleiro local. Os grandes hotéis de Fortaleza estavam prevendo ocupação de 100% na virada do século. (FONTES, 1999). Porém, a maior festa no Brasil aconteceria no Rio de Janeiro. A indústria hoteleira previa que o número de turistas estrangeiros quadruplicaria. Só a praia de Copacabana receberia cerca de 2 milhões de pessoas, entre elas o então presidente Fernando Henrique Cardoso. Como resultado da procura, os preços nos hotéis e apartamentos da região dispararam. O Hotel Copacabana Palace, que já fazia reservas para a data há dez anos, teria uma lista de espera com mais de mil nomes. A suíte presidencial estava sendo alugada por 33 mil reais. (GRANATO; TEICH, 1999, p. 72).

Contudo, o sistema capitalista teria inventado tais necessidades míticas? O professor Leonardo Nóbrega (2000, p. 3) aponta, além do “aumento dos ganhos”, mais dois fatores que explicariam por que estavam

“matando” o século antes do tempo. Isso se daria também pela “falta de curiosidade” e crítica, fator, aliás, que hoje vemos disseminado. As pessoas aceitariam aquilo que ouvem como verdades absolutas e não mais procurariam se certificar se estariam corretas. O outro fator seria o “inconsciente coletivo”. Os sentimentos somados, como a desesperança, as decepções, os medos e as incertezas do futuro, teriam despertado,

no inconsciente coletivo, o desejo da antecipação do 3º milênio e, conseqüentemente, do século XXI tendo nestes o redentor, o início de um período de paz e prosperidade em que toda gente possa ter sucesso e tranqüilidade. [...] A antecipação da virada do milênio é como se as pessoas dissessem: basta, chega, não precisamos de mais um ano como os outros. Não precisamos de mais doze meses de agonia e desesperança. Que venha logo o “Novo Milênio” e nos livre de tudo que nos maltrata e faz sofrer, (NÓBREGA, 2000, p. 3).

Segundo o historiador Richard Landes (apud GRANATO; TEICH, 1999, p. 72), do “Centro de Estudos do Milênio”, o ano 2000 mexia tanto com a imaginação das pessoas porque os “números redondos sempre exerceram um enorme fascínio sobre as pessoas”. Além do mais, a virada do milênio se trataria de um forte simbolismo na história da humanidade. Esse seria o momento em que o ser humano costuma meditar sobre suas conquistas e fracassos passados e os sonhos e desafios futuros.

Assim, a passagem para o ano 2000 teria sido mais espiritual e mais particular do que nunca, como sugeriu a leitora do jornal *O Povo*, Tânia O’Grady, no dia 2 de janeiro de 2000: “Dá uma vontade doida de mudar tudo, zerar o que não deu certo na vida de cada um e no mundo em geral, clamar pela ética, pela dignidade, pelo respeito, pela espiritualidade, coisas tão esquecidas no século 20”. (O’GRADY, 2000, p. 1). Aliás, o vazio gráfico de um ano cheio de zeros nos instigaria psicologicamente a novas atitudes e a renovar os fetiches que pudessem dar sustentação à diluição de crenças. (PAIVA, 2000, p. 8).

Segundo Mircea Eliade (1969, p. 69), essas reflexões seriam comuns nas festas de ano novo, pois, nesse período, se repetiriam os momentos míticos da passagem do caos à cosmogonia. Porém, esses sentimentos seriam reforçados pelo fato de que, nesse dia, o destino dos homens seria determinado para todo o ano, no caso, para todo o milênio. Assim,

valeu tentar de tudo um pouco para entrar no ano novo com o pé direito e garantir uma vida repleta de felicidade:

Pelo sim, pelo não, a noite da virada do ano é o momento para repetir algum ensinamento antigo, reafirmar uma superstição. Mesmo quem se considera cético, de vez em quando arrisca uma delas. Diz a tradição que tudo o que se faz na passagem do ano vai continuar acontecendo nos próximos 364 dias. (NADDAF, 2000, p. 3).

Dentre as tradições mais arraigadas na cultura popular, podemos citar: o uso de vestimentas com a cor do desejo (branco/paz, vermelho/paixão, amarelo/prosperidade, rosa/amor), as diversas simpatias para atrair boa sorte e as purificações pela água do mar. A professora Eva de Castro, por exemplo, estava na praia do Futuro, na primeira manhã do ano 2000 e confirmou tais práticas: “Faz parte da superstição. No *Réveillon*, a gente dá sete pulos e mergulha em sete ondas no mar. E, no dia seguinte, está aqui na praia muito cedo”. Como consta no artigo “Praias recebem bom público no primeiro dia do ano-novo”. (DIÁRIO DO NORDESTE, 2000, s.p.).

Destarte, esses sentimentos foram reforçados com a contagem regressiva para o ano 2000, uma data carregada de simbolismos, que tornaria 1999 um ano de muitas expectativas. Um “horizonte de expectativa”, conforme o historiador alemão Reinhart Koselleck (2006, p. 310), que se abriria para o futuro, para o não experimentado, para o que apenas poderia ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, inquietude, mas também análise racional, visão receptiva ou curiosidade fariam parte dessa expectativa e a constituiriam.

### *Melancolia fin-de-siècle*

Todavia, apesar de o mundo estar em clima de expectativas e curiosidades, preparando-se para viver um momento considerado dos mais importantes da história, o despertar de um novo século e do terceiro-milênio, encontramos diversos relatos que revelam a insegurança e o pessimismo no futuro, como em “Sinal dos Tempos”:

Analisando o noticiário diário tem-se a forte impressão de que tudo está perdido. Não só no Brasil, não; mas no mundo todo. São escândalos de toda natureza, corrupção para tudo quanto é lado, violência, fome, miséria, cataclismas, guerras sem sentido – se é que alguma guerra tem sentido – genocídios irracionais. Desespero que aterroriza mesmo, mormente em épocas de transição, como fim de século e milênio, momentos em que o ser humano, naturalmente, alimenta e dá vazão a seus temores, fantasias, crenças e sentimentos apocalípticos de limitação e finitude. (DIÁRIO DO NORDETE, 1999, p. 9).

De acordo com o cientista Stephen Jay Gould (apud GRANATO; TEICH, 1999, p. 72), o mundo que celebrou a chegada do terceiro-milênio estava e ainda está passando por mudanças drásticas. A globalização da economia e as novas tecnologias representariam o prenúncio de uma sociedade diferente de tudo que conhecemos. Por isso, a virada no calendário teria provocado tanta expectativa, tanta angústia e tanto desejo de celebração.

Conforme Eric Hobsbawm (1995, p. 15-16), à medida que refletimos sobre o passado e o futuro do século, cresceria uma típica melancolia de *fin-de-siècle*. Reforçando essa constatação, o artista plástico Glauco Sobreira, na exposição “1999: o ano que não aconteceu”, lembra que as profecias de um futuro feliz, para aquele final de século, não se concretizaram:

Acharam que às vésperas do fim do milênio as novas tecnologias poderiam proporcionar grandes benefícios ao homem. Mas a massa não usufruiu dessa tecnologia e, neste sentido, estamos muito mais para o apocalíptico *1984*, de George Orwell, do que para *2001*, de Arthur C. Clark. (SOBREIRA apud PAULA, 1999, p. 1).

Fazendo uma retrospectiva dos fatos que colaboraram com essa “melancolia *fin-de-siècle*”, podemos citar a bomba atômica, “primeira encarnação histórica ‘objetiva’ de um possível apocalipse” (LE GOFF, 1996, p. 14), e a derrubada do símbolo da divisão dos mundos capitalista e socialista, o muro de Berlim (1989). Esse, apesar de representar o fim da Guerra Fria e atenuar o temor de uma nova grande guerra mundial de dimensão nuclear, teria contribuído com o enfraquecimento das

grandes ideologias e com a grande perda de referências. (ECO, 1999, p. 208-209).

Distante desses discursos, a sabedoria popular, expressada por Rachel de Queiroz (1998), na citação direta logo a seguir, revela que seu referencial estava embasado em suas experiências, no “espaço de experiência”. Segundo Reinhart Koselleck (2006, p. 311), esse espaço aglomera muitos estratos de experiências de tempos anteriores sem uma ordem cronológica, “embora possa ser datado conforme aquilo que lhe deu origem”, pois a cada momento seria composto de tudo o que se poderia recordar da própria vida ou da vida de outros.

No século passado, o ano de 1988 [leia-se 1888] nos trouxe uma seca terrível, chamada “Os três oito”. O Nordeste quase acabou; diziam os velhos que chegou praticamente a ser pior do que o matador 77 (1877). Me falou um numerologista que os três noves (1999) assim repetidos, dão, somados, uma conta boa, quer dizer, de bons augúrios. Benza Deus! E que não fique só nos augúrios, pois deles estamos fartos, quer dizer, na verdade, sempre consolam; pelo menos enquanto os ouvimos, nos deixamos embalar com esperanças. Como é que diz o ditado muito usado aqui pelos cariocas? Ah, “me engana que eu gosto!” (QUEIROZ, 1998, p. 8).

Esse clima de crise e incerteza teria, inclusive, aumentado a procura por soluções esotéricas. Segundo a esotérica Rita Gama y Silva em “População busca soluções esotéricas à crise” (DIÁRIO DO NORDESTE, 1999), as pessoas que procuravam seus serviços apareciam com um maior acúmulo de problemas e muito mais preocupadas. Os clientes, através de instrumentos divinatórios, como o Tarot ou a Astrologia, ansiavam por conselhos e previsões que dessem algumas “soluções mágicas” para seus problemas.

### ***Revival* escatológico**

Assim, a aproximação do final do século e a virada do milênio foram momentos mais que propícios para mães e pais-de-santo, tarólogos e cartomantes fizessem previsões para o ano de 1999: “Acreditando ou não na capacidade destas pessoas em saberem do futuro, é bem verdade que a curiosidade do brasileiro acaba sendo maior que a descrença”, como dito em: “O que esperar de 1999.” (DIÁRIO DO NORDESTE, 1998, p. 1).

Segundo o jornalista Francisco Lima (1982, p. 28), essa seria uma prática comum na imprensa cearense. Todos os anos os jornais divulgariam as profecias para o período, e os “profetas” conferiam depois os seus acertos e desacertos. É claro que os fatos não se passavam com a precisão prevista, mas serviriam como reforço à crença “de que, se não havia mais lugar para os profetas dos tempos antigos, novos profetas os sucederam, não em mensagens, mas em previsões fantásticas”. (p. 28). Previsões fantásticas não faltaram, em 1999, como a do mago tunisiano Hassan Charni, como se lê em: “Acontecimentos trágicos”.

Será confirmada, disse, a previsão de Nostradamus sobre a 3ª Guerra Mundial “que explodirá no Oriente Médio e se estenderá posteriormente para a Europa e América e transformará a terra numa bola de fogo e sangue”. Se não bastasse, em 1999, acrescenta Charni, morreram [sic] João Paulo II, Nelson Mandela, Boris Yeltsin e Jonh Travolta. (DIÁRIO DO NORDESTE, 1998, p. 6).

Essas previsões, mesmo consideradas como invenções, não deixariam de ser lidas. (CASCUDO, 2001, p. 451). Conforme o jornalista do *O Povo*, Francisco Lima (1982, p. 28), Fortaleza sempre foi lugar hospitaleiro para esses profetas e profetisas, que vinham e saíam deixando um rastro de descrença, mas nunca uma descrença mais-que-perfeita, pois sempre havia a esperança de que um dia acertariam. Seríamos “um povo querendo Deus, sabendo a quem quer, mas sem se assegurar do lugar e por quem ele fala”.

Segundo Cascudo (2001, p. 454), as previsões amadas pelo povo seguiriam a profecia padrão, pois nelas caberiam todas as interpretações e se aninhariam as volições do interesse, como podemos perceber nos augúrios para 1999: “Falamos de um ano difícil, porém com situações superáveis, assinalado ainda por mudanças, descobertas e conquistas, apesar das dificuldades”, como revelado em “Previsões apontam para um ano difícil”. (DIÁRIO DO NORDESTE, 1998, p. 16).

Em 1998, a Casa Publicadora Brasileira (CPB) encomendou ao Ibope uma pesquisa sobre as “Profecias que despertam maior interesse”. Das 2 mil pessoas consultadas em todo o Brasil, cerca de 80% revelaram interesse pelas profecias bíblicas, em especial, o Apocalipse. Dentre outras profecias citadas, destacaram-se: as astrológicas, as de Michel de Nostradamus (1503-1566) e as profecias feitas por diversos profetas, como em “Viver sem medo do futuro”. (DIÁRIO DO NORDESTE, 1998, p. 7).

Segundo Aspásia Camargo (1997, p. 76), as profecias seriam bens culturais acumulados que funcionariam como banco de dados, sujeitos aos caprichos do processo civilizatório. Elas teriam voltado a incorporar-se às preocupações da população, provavelmente porque seus avisos e previsões coincidiram com o clima de indefinição, temores e angústias que sempre acompanha os homens nos ciclos finais de cada milênio.

Assim, esses bens culturais afloraram, e seus anúncios pareciam convergir com o final do século XX:

Será 1999 o clímax do processo apocalíptico e que o mundo possa sobreviver à passagem do milênio? Otimistas ou não, muitas pessoas não deixam de considerar a pergunta instigante, por todo o mistério que o futuro apresenta, a ponto de se dispor este ano de uma vasta produção literária sobre as profecias do final dos tempos. Autores espíritas, esotéricos e até exegetas bíblicos insistem em ver pontos convergentes entre o cumprimento de profecias com o atual desenvolvimento da humanidade e da ordem natural. [...] Um cortejo de dores, de desespero e de calamidade. Essas são as profecias mais comuns quando se associam ao final dos tempos e, no caso mais próximo, à virada do milênio. Contudo, nunca como agora fenômenos da natureza e a mudança brusca da ordem moral vêm chamando a atenção de espíritas, que, otimistas ou não, acreditam que é chegada a hora para um corretivo às infrações das leis supremas. (PEIXOTO, 1999, p. 5).

Os espíritas consideraram o tema como “atual e urgente”.

Inclusive, para tratar do assunto, foi realizado no Centro Espírita Grão de Mostarda, em 18 de junho de 1999, o seminário “O apocalipse na visão espírita”. Segundo Raimundo Ramos em “O Apocalipse discutido a partir da visão espírita”, diretor doutrinário do Grão de Mostarda, essa doutrina prega que o apocalipse se trataria de um processo de evolução:

Um processo no qual a Terra deverá subir de degrau na escala evolutiva dos mundos, passando de um mundo de provas e expiações para um de regeneração. Não é o final do mundo. É o final de uma era e início de um tempo novo e, conseqüentemente, um salto para um estágio superior. É o parto de um mundo novo. (DIÁRIO DO NORDESTE, 1999, s/p).

As Igrejas Evangélicas, por sua vez, no geral, buscaram descartar qualquer vinculação da segunda vinda de Jesus com o fim do milênio. O coordenador do curso de Mestrado do Seminário Teológico de Fortaleza, da Igreja Presbiteriana Independente, o reverendo paranaense Luiz Alexandre Solano Rossi, no texto de Sudário (1999, p. 7), especialista em Bíblia, afirmou: “Do ponto de vista teológico, discordamos de toda visão catastrofista que está no inconsciente coletivo”. Contudo, ao analisar os sinais que antecederiam a vinda de Jesus, recai na interpretação literal da linguagem simbólica. O pastor Libânio Rodrigues da Cunha, presidente da Missão Evangélica Pentecostal do Brasil e professor de Teologia no Seminário Teológico Pentecostal do Ceará, diz que

no sermão escatológico que prevê o futuro, a Bíblia é enfática. Ele vai vir mesmo e há sinais que antecedem essa vinda. [...] Esses sinais seriam os falsos profetas, guerras, terremotos, epidemias e fome. Na minha visão, os sinais estão aí e estamos perto do final dos tempos. (Apud SUDÁRIO, 1999, p. 7).

Segundo a psicóloga Jane Eyre de Melo em reportagem intitulada: “Um assalto à inocência” (DIÁRIO DO NORDESTE, 1999, p. 7), o pessimismo seria uma característica do ser pensante e costumaria permear indivíduos alvoroçados em momentos cruciais como os finais de século e milênio. A tendência humana à catástrofe seria histórica e disseminada aos quatro cantos. O pendor escatológico estaria praticamente acoplado à nossa raça. O temor da aniquilação a cada milênio viria “aterrorizando quem puder, num volume cada vez mais crescente e com peripécias cada vez mais articuladas e estratégicas, já que na modernidade se apropria de veículos ágeis como a televisão para a propagação desse terror coletivo e destrutivo. (DIÁRIO DO NORDESTE, 1999, p. 7) .

A virada do século teria se apresentado como um “prato cheio” para os catastrofistas que estariam espalhados e diluídos por toda a sociedade, “sendo encontrados entre os místicos e cientistas; astrólogos, astrônomos, videntes e profetas; alguns delirantes, outros bastante competentes na atividade de prever o futuro”. (DIÁRIO DO NORDESTE, 1999, p. 7).

Todavia, segundo Maffesoli (apud MENEZES, 1999, p. 6), na sociedade pós-moderna, haveria “um curto-circuito entre o otimismo linear e o pessimismo circular”, sendo que teriam retornado “todos os

valores que o otimismo moderno julgava ultrapassados”, como o “predomínio dos mitos ancestrais, território, religiosidade, culto aos feitos militares do passado”.

Semelhantemente aos homens das culturas arcaicas e tradicionais que dispunham de todos os mitos, ritos e meios mágico-religiosos para se defenderem do terror da história (ELIADE, 1969, p. 174-175), as sociedades atuais experimentariam um grande *revival* de crenças escatológicas que buscariam dominar o tempo e a história e satisfazer as aspirações de felicidade e justiça ou, ainda, responder aos temores em face do desenrolar inquietante dos acontecimentos. (LE GOFF, 1996, p. 283).

Isso fica claro com a matéria “Profetas ou malucos?” publicada pela revista *Isto É*, em abril de 1997. Segundo tal veículo, especialistas canadenses calcularam que 20 mil novos movimentos religiosos atuavam no mundo, sendo 200 deles baseados em cartilhas extremistas que pregavam suicídios e assassinatos. (CÔRTEZ; HOLLANDA; MARINI, 1997, p. 29).

No Brasil, por sua vez, o jornalista Cláudio Júlio Tognolli, da *Folha de S. Paulo*, em 11 de julho de 1994, divulgou, baseado nas estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Instituto Cristão de Pesquisas (ICP), que entre 30 e 35 milhões de fiéis brasileiros acreditavam que o Juízo Final, ou o dia do apocalipse poderia acontecer entre 1994 e o ano 2000. (FOLHA DE S. PAULO, 1994, p. 3).

Segundo o historiador Hillel Schwartz (1995, p. 412-413), o ano 2000 teria sido o tradicional ponto-final das profecias, dos calendários “perpétuos”, das previsões “de longo prazo”. Aguardado como o *Millennial Day*, marco de um novo tempo e de uma nova vida, que segundo interpretações do apocalipse (20, 1-5), poderia ser o período de mil anos durante o qual Cristo reinaria em pessoa sobre a Terra com a total ausência do mal (Satanás), mas que, no entanto, seria precedido pelo “fim dos tempos”, o fim do mundo. (LE GOFF, 1996, p. 329).

Ele carregaria o peso emocional cumulativo de milhares de esperanças adiadas e previsões não cumpridas, o milênio psicológico. Nenhuma data, nenhum número mágico, além do ano 2000, teria aglutinado ao seu redor uma série tão extraordinária de apostas proféticas, nem mesmo o ano 2001. (SCHWARTZ, 1995, p. 412-413).

Contudo, o mês de agosto, tido popularmente como o mês do desgosto, foi o período de maior exploração de tal temática, mais

precisamente em 11 de agosto de 1999, o dia do eclipse solar previsto por Michel de Nostradamus (1503-1566), quando se temeu que tal fenômeno iniciaria os dias de trevas apocalípticas anunciadoras do final dos tempos: “No ano de 1999 e sete meses, do céu virá o grande rei do terror”. (Centúria X, Quadra 72 apud NASSETTI, 2006, p. 464).

Porém, apesar de os grandes meios de comunicação explorarem largamente as previsões de Nostradamus, tal reverberação teria se dado devido à rememoração de uma série de profecias relacionadas aos três dias de trevas apocalípticas, que sinalizavam a proximidade do fim dos tempos que fatidicamente ocorreria ao raiar de 2000.

Na “Cidade do Sol” foram registradas as mais variadas crenças e manifestações nos mais variados estratos da sociedade. Segundo os jornais *Diário do Nordeste* e *O Povo*, tivemos, de um lado, os jovens de classe média que viviam o dilema de à qual “festa do fim do mundo” (SHOW, 1999, p. 4) iriam e, do outro, padres que reclamavam do sensacionalismo e afirmavam que parte da população dos bairros periféricos chegava a todo momento à sua igreja para benzer velas e fósforos para se livrarem da morte nos três dias de escuridão apocalíptica, que estariam por vir, como revela a matéria “Repercussão gera festas e pânico”. (DIÁRIO DO NORDESTE, 1999, s/p).

Mesmo após o eclipse, tais temores continuaram sendo atualizados com alertas e práticas, como as do Padre Francisco de Alcântara Lopes, que, na Igreja do Patrocínio, no Centro de Fortaleza, benzia diariamente velas, água e óleo para os fiéis se prevenirem do final dos tempos. Na explicação de Padre Alcântara em “Fiéis benzem velas e água com medo do Juízo Final” (O POVO, 1999, p. 7) entendemos por que essa profecia é constantemente lembrada: “Nossa Senhora não disse o dia nem a hora. No próprio Evangelho de São Mateus, encontramos a mensagem que nos diz para sermos vigilantes. Não é para temer, mas para se precaver”. Portanto, apesar de a Igreja buscar acalmar e esclarecer seus fiéis, ela, como a mídia, parafraseando Pierre Bourdieu (1997, p. 93), também acabaria desempenhando o papel de bombeiro incendiário, ou seja, a Igreja também contribuiu para produzir e conservar acesas expectativas.

Segundo o psicólogo Bruce Hood (apud PETRY, 2009, p. 90), da Universidade de Bristol, na Inglaterra, autor de *Supersense: why we believe in the unbelievable* [Supersentido: por que acreditamos no inacreditável], nasceríamos com o cérebro desenhado para encontrar sentido no mundo,

daí, às vezes acreditarmos em coisas que vão além de qualquer explicação natural. O apocalipse, nesse caso, seria uma saída brilhantemente engenhosa, pois explicaria duas questões que atormentam a humanidade desde sempre: dá “sentido à vida”, ao dizer que é uma provação e conforta com a “inevitabilidade da morte” ao informar que vamos ressuscitar. Para Michael Barkun (apud PETRY, 2009, p. 90), professor de Ciência Política na Universidade de Syracuse, o apocalipse atenderia, também, a outra necessidade humana, a de acreditar num mundo regido por uma ordem moral: “Num mundo em que, com frequência, os bons sofrem e os maus prosperam, a promessa de um julgamento moral é um consolo profundo”. Eis porque o fim do mundo aterroriza, mas também pode nos consolar.

### **O ano 2000 chegou e passou**

Todavia, durante o *Réveillon* 2000, a humanidade não entrou em pânico com medo do fim do mundo. Ao analisarmos os jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste*, observamos que, em Fortaleza, esse final de ano não foi tão diferente dos outros, apenas pelo fato de haver a possibilidade de ocorrer o “*bug* do milênio”. Encontramos, ao contrário, matérias como a do cronista Airton Monte, do jornal *O Povo*, que divulgou que havia uma “febre de esperanças” na maioria das pessoas em 31 de dezembro de 1999. (MONTE, 1999, p. 2).

As preocupações estariam aparentemente presentes apenas em empresas e no governo, pois a imprensa não traz muitos relatos da população com temores relacionados à pane dos computadores. Entretanto, essa suposta quietude devia-se ao fato de o Brasil ainda não depender tanto da tecnologia da informação quanto os países mais desenvolvidos. Vastas regiões do interior ainda viveriam na Idade Média em termos de tecnologia. Dentre as cidades do interior cearense, por exemplo, apenas Sobral, Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, Iguatu, Quixadá, Camocim e Tianguá estavam ligadas à internet, com provedores atuando localmente através de *links* da Embratel, sem a necessidade de ligações telefônicas interurbanas. E cidades como Parnaíba, no Piauí, que contava com duas universidades, ainda estava sem acesso à internet por conta da falta de estrutura para implantar a rede em pequenas cidades. (FONTENELE, 1999).

Por esses motivos, a malfadada pane do milênio não teria comparecido para estragar a festa da chegada do ano 2000. O jornal *Diário do Nordeste* (2000) comemorou, no dia 3 de janeiro de 2000: “A exemplo do restante do país e do mundo, o *bug* não teve “sucesso” no Ceará. Todos os serviços funcionaram normalmente”. Assim, logo surgiram vozes a questionar se todo o assunto do *bug* não fora, no final das contas, a grande “fraude do ano 2000” ou a “neurose do milênio”, uma falsa entidade criada pelos marqueteiros para vender lazer, produtos e serviços. Veja-se: “Especialistas denunciam o ‘bug’...”. (DIÁRIO DO NORDESTE, 2000, s/p).

Em resposta às especulações, o conselheiro do presidente Bill Clinton para os problemas do *bug*, John Koskinen, declarou: “As pequenas dificuldades surgidas no final de semana, apesar dos esforços empregados, demonstravam até que ponto o problema teria sido grave se não fossem tomadas as precauções necessárias” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 2000, s/p).

Portanto, o computador e a *internet* não faziam parte do mundo de uma grande parcela da população. Então, a mídia não pôde mobilizar as emoções coletivas a favor do *bug*, pois não havia uma sensibilidade local que as fortalecesse. (MAFFESOLI, 1987, p. 26-27). Nunca havíamos experimentado um *bug* antes, daí ele não ter conseguido estabelecer uma relação de significado na comunidade de imaginação, ou comunidade de sentido, como conceitua Backzo. (Apud CARVALHO, 1990, p. 13). Talvez, por isso, o simbólico *bug* do ano 2000 tenha caído no vazio e no ridículo para um grande número de pessoas, e não só em Fortaleza, mas no mundo todo.

Não tivemos o *bug* para estragar a festa, mas também não teria se concretizado a febre da celebração do *Réveillon 2000*, apesar das intensivas campanhas publicitárias errôneas sobre a virada do milênio. A grande maioria das pessoas, nas mais diversas latitudes, teriam preferido celebrar, em casa com a família ou entre amigos, a passagem do ano. O desinteresse pelas grandes comemorações se deveria a três principais fatores: os preços exagerados apresentados por hotéis, restaurantes e agências de turismo; o medo da multidão nos centros das cidades onde estavam programadas as festas principais – Londres, Paris, Nova York, Sidnei; e o temor dos possíveis problemas provoados pelo *bug* 2000.

A retração, inclusive, teria imposto cortes nas previsões iniciais de faturamento. Os profissionais do turismo, por exemplo, temendo o

“fiasco do milênio” em razão do pouco entusiasmo causado por suas propostas de celebrações exóticas e a preços exorbitantes teriam tentado salvar a situação fazendo promoções, com redução de até 50%, como se lê em: “Celebração pode decepcionar”. (O POVO, 1999, p. 10).

Entretanto, em Fortaleza, o *Réveillon* popular na Praia de Iracema foi apontado pela imprensa como um dos mais animados dos últimos anos. A passagem para o ano 2000 teria contado com a participação de um número de pessoas bem superior aos anos anteriores. O ponto alto dos festejos foi a partir da meia-noite com a queima de fogos de artifício, que durou mais de 10 minutos, como revela o artigo: “Festa popular na orla marítima”. (O POVO, 2000, p. 2).

Assim, o ano 2000 chegou sem grandes percalços e foi embora da mesma maneira. Em 29 de dezembro de 2000, o jornal *O Povo* dá adeus ao ano velho, em matéria com o título: “Adeus, ano velho!”

Depois de muita propaganda enganosa, o último *réveillon* do século XX. A entrada do terceiro milênio, longe do tempo apocalíptico tem sido motivo de muita comemoração. Em Fortaleza, a diversidade dá o tom das dezenas de festas que acontecem para saldar a virada do ano. (2000, p. 1).

Cerca de oitenta mil pessoas tomaram novamente as areias da praia de Iracema, na festa do cronológico *Réveillon do Milênio*, organizado pela Prefeitura Municipal de Fortaleza. No aterro da praia de Iracema, foi montado um grande palco para a realização dos *shows* com artistas da terra, como: Teti, Edmar Gonçalves e Julianne Torres. Muitos cearenses e turistas vestiram branco e dourado para chamar paz e dinheiro: “Neste *Réveillon*, o sentimento com o novo-ano, o novo século e o novo milênio eram os mesmos: esperança de dias melhores”. (BARBOSA, 2001). Segundo o Ibope, 78% dos brasileiros acreditavam que o ano 2001 seria bom ou muito bom. Em 1999, o esperançoso brasileiro também estava majoritariamente otimista, mas um pouco menos: eram 69% os que apostavam num ano seguinte bom ou muito bom. (LEITÃO, 2000).

Contudo, em comparação ao ano anterior, no *Réveillon* psicológico, faltaram fogos de artifício, policiamento e organização no trânsito. Apesar dos fogos terem se prolongado por um tempo maior, quase 15 minutos, não teriam satisfeito alguns dos presentes, que reclamaram da falta de uma contagem regressiva e de sincronismo e que esperavam maior

investimento, devido à importância da comemoração. No trecho onde foi montado o palco para os *shows* do *Réveillon* popular, foram avistados apenas uma viatura e três policiais militares e, em pontos isolados, a Guarda Municipal. (O POVO, 2001, p. 5). Um quadro bem diferente do aparato montado no *Réveillon* anterior que contou com uma maior participação do público e da Polícia que foi reforçada, devido ao temor de possíveis incidentes provocados pelo *bug*. (O POVO, 1999, p. 13).

Com a escritora Raquel de Queiroz é que podemos perceber melhor a evolução das expectativas presentes nessas duas viradas de ano. Em 1º de janeiro de 2000, no jornal *O Povo*, a autora expressa toda a singularidade e o orgulho de estarmos iniciando um novo milênio simbolizado no *Réveillon* 2000, o *Réveillon* psicológico:

Quando a gente era criança e pela primeira vez escutava alguém falar em milênio, tinha a impressão de que estava se referindo a qualquer coisa mágica. Milênio! E além disso a palavra é linda, cheia, sugestiva. E pareciam faltar tantos anos, talvez os mil que a palavra sugeria. E agora, estamos a enfrentar o milênio com todos os seus poderes. [...] E vamos perguntar a nós, velhos, que é que nós sentimos quando o milênio passou? Na meia noite exata terá havido risco de fogo no céu, estrelas despencando, ondas gigantescas no mar? E não vão acreditar quando a gente disser que o milênio estava só na cabeça e no coração das pessoas. [...] Um orgulho nos será permitido: todas as pessoas nascidas depois do ano 2000, nos olharão com inveja a nós, as testemunhas do milênio, nascidas dentro do milênio. Esse orgulho levaremos até o fim dos nossos dias. Fomos testemunhas desse fato miraculoso que só se repetirá daqui a outros mil anos. A imaginação fértil do povo irá inventar muitas lendas, muitos milagres, talvez coisas terríveis, acerca da chegada do ano 2000. Cada um poderá dar o seu testemunho, dificilmente desmentido. [...] E com a passagem dos anos iremos, conscientemente ou inconscientemente, bordando, enfeitando, colorindo as nossas recordações do início do ano 2000. Velhinhos, contaremos a netos e bisnetos os prodígios que quisermos atribuir a data única, miraculosa, que só acontece de mim em mil anos. E eles nos escutarão maravilhados e invejosos, e cada um de nós, recorrendo à imaginação, poderemos inventar um prodígio particular. (QUEIROZ, 2000a, p. 8).

E, em 30 de dezembro do mesmo ano, a escritora revelou no jornal *O Povo* toda a sua decepção diante do milênio cronológico: “Esse negócio

de datas impressiona especialmente as crianças. Me lembro de quando eu, menina, sonhava com o fim do milênio e me parecia impossível alcançá-lo. Já agora vai acabando o ano 2000, entramos no novo milênio, e que diferença faz?” (2000b, p. 8).

Destarte, seria mais do que comum essa frustração diante de um marco sem as mudanças abruptas e as realizações dos sonhos. Porém, mesmo apesar dessas decepções, prosseguimos a imaginar como será o próximo século, o dia de amanhã, a desenhar um horizonte de expectativas.

### Considerações Finais

Portanto, pretendemos, com este artigo, contribuir com o estudo das expectativas em torno do terceiro-milênio na cidade de Fortaleza – Ceará. Intentamos, dessa maneira, evidenciar a importância de se pesquisar o dito fenômeno social para melhor entendermos não somente a ação do homem diante de determinados acontecimentos, mas o que ele ainda espera e almeja, e, assim, como se prepara e age diante do desconhecido.

Foi devido à tal expectativa que se pôde comemorar dois milênios no curto prazo de um ano. Milhões de pessoas esperavam que o *Réveillon* 2000 inaugurasse o terceiro-milênio, conquanto que tal passagem ocorreria apenas no ano seguinte, em 2001, no verdadeiro milênio cronológico, como refere: “A noite do Renascimento”. (DIÁRIO DO NORDESTE, 1999). Para Câmara Cascudo (2001, p. 452-453), as datas imutáveis resistiriam numa fatalidade hereditária: “Na voz augural dos Nostradamos caboclos. A passagem dos séculos, ou dois zeros sinistros como dois olhos vazios, de cem em cem anos, sugeria admoestações e homílias nas dimensões do arrependimento e do medo julgadores.”

Todavia, assim como o *Réveillon* 2000 marcaria o início do novo milênio para milhões de pessoas, outras datas também foram apontadas como as precursoras do verdadeiro milênio psicológico, marco de um novo tempo e de uma nova vida. Recentemente, pudemos constatar que esses sentimentos antagônicos e todas as profecias não cumpridas em 2000 voltaram a se avolumar em torno de uma nova data, 21 de dezembro de 2012. Assim, a expectativa milenarista continua viva e latente, sendo renovada a cada nova data, marco do almejado *Millennial Day*.

## Referências

---

- A NOITE do renascimento. *Diário do Nordeste Online*, Fortaleza, 31 dez. 1999. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/1999/12/31/index.htm>>. Acesso em: 27 jul. 2010.
- ACONTECIMENTOS trágicos. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 26 dez. 1998. Caderno Internacional, p. 6.
- ADEUS, ano velho! *O Povo*, Fortaleza, 29 dez. 2000. Caderno Vida e Arte, p. 1.
- APOCALIPSE discutido a partir da visão espírita. *Diário do Nordeste Online*, Fortaleza, 18 jun. 1999. Caderno Cidade. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/1999/06/18/>>. Acesso em: 13 jan. 2011.
- BARBOSA, Cid. Réveillon do milênio agita Fortaleza. *Diário do Nordeste Online*, Fortaleza, 2 jan. 2001. Caderno Cidade. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/2001/01/02/>>. Acesso em: 13 jan. 2011.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.
- CAMARGO, Aspásia. Utopia ou catastrofismos? In: MARQUES, Joaquim Campelo et al. (Org.) *O livro da profecia: o Brasil no terceiro milênio*. Brasília: Senado Federal, 1997.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Superstição no Brasil*. São Paulo: Global, 2001.
- CELEBRAÇÃO pode decepcionar. *O Povo*, Fortaleza, 26 dez. 1999. Caderno Internacional, p. 10.
- CELEBRAÇÕES antecipam ano 2000. *O Povo*, Fortaleza, 2 jan. 1999. Caderno Internacional, p. 6.
- CÓRTEZ, Celina; HOLLANDA, Eduardo; MARINI, Eduardo. Profetas ou malucos? *Isto É*. São Paulo: Ed. Três, n. 1.437, p. 29, 16 abr. 1997.
- ECO, Umberto. Para todos os fins úteis. In: CARRIÈRE, Jean-Claude et al. *Entrevistas sobre o fim dos tempos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 171-213.
- ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno: arquétipos e repetição*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1969.
- ESPECIALISTAS denunciam o bug como uma fraude da indústria de informática. *Diário do Nordeste Online*, Fortaleza, 5 jan. 2000. Coluna Internacional. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/2000/01/05/>>. Acesso em: 1º abr. 2010.
- FALTA de agentes de trânsito e de policiais marca *réveillon* na orla. *O Povo*. Fortaleza, 2 jan. 2001. Caderno Fortaleza. Seção Fim de Ano, p. 5.
- FESTA popular na orla marítima. *O Povo*, Fortaleza, 1º jan. 2000. Caderno Ano 2000, p. 2.
- FERREIRA, Dayse Regina. *Réveillon 2000*. *O Povo*, Fortaleza, 16 set. 1999. Caderno Turismo, p. 1.
- FIÉIS benzem velas e água com medo do Juízo Final. *O Povo*, Fortaleza, 2 set. 1999. Caderno Cidades. Seção Religião, p. 7.
- FONTENELE, Ebenezer. Internet vai ao interior: da editoria de informática. *Diário do Nordeste Online*, Fortaleza, 13 dez. 1999. Caderno Informática. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/1999/12/13/>>. Acesso em: 27 jul. 2010.
- FONTES, Rebecca. Virada do milênio lotará hotéis em Fortaleza. *Diário do Nordeste Online*, Fortaleza, 7 nov. 1999.

- Caderno Negócios. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/1999/11/07/>>. Acesso em: 27 jul. 2010.
- GRANATO, Alice; TEICH, Daniel Hessel et al. Dez, nove, oito, sete, seis... *Veja*, São Paulo: Abril, n. 1.607, p. 72, 21 jul. 1999. Seção Geral.
- HOBBSAWM, Eric J. *Era dos extremos: breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- INÍCIO de 1999 já é ofuscado por milênio. *Diário do Nordeste Online*, Fortaleza, 2 jan. 1999. Caderno Internacional. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/1999/01/02/>>. Acesso em: 5 fev. 2006.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. da PUC-Rio, 2006.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1996.
- LEITÃO, Mirian. Bom Natal. *Diário do Nordeste Online*, Fortaleza, 24 dez. 2000. Coluna Mirian Leitão, Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/2000/12/24/>>. Acesso em: 12 jan. 2011.
- LIMA, Francisco. Os profetas e as reflexões. *O Povo*, Fortaleza, 9 maio 1982. Caderno A religiosidade popular VII. Sessão Nostradamus e São Malaquias, p. 28.
- LIMA, Luiz Cruz. Por que terceiro milênio? *O Povo*, Fortaleza, 10 jan. 1999. Caderno Milênio. Seção Opinião, p. 7.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo na sociedade de massa*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- MENEZES, Waldemar. Michel Maffesoli: “voltamos ao arcaico”. *O Povo*, Fortaleza, 26 abr. 1999. Caderno Vida e Arte, p. 6.
- MONTE, Airton. A última do século XX. *O Povo*, Fortaleza, 31 dez. 1999. Caderno Vida e Arte, p. 2.
- NADDAF, Ana. Esperando o Ano-Novo. *O Povo*, Fortaleza, 31 dez. 2000. Caderno Dela's, p. 3.
- NASSETTI, Pietro. *As profecias: Nostradamus*. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- NÓBREGA, Leonardo. A morte prematura do século XX. *O Povo*, Fortaleza, 2 jan. 2000. Caderno Jornal do Leitor, p. 3.
- O CEARÁ também se livrou do besouro. *Diário do Nordeste Online*, Fortaleza, 3 jan. 2000. Caderno Informática. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/2000/01/03/>>. Acesso em: 1º abr. 2010.
- O QUE ESPERAR de 1999? *Diário do Nordeste*. Caderno 3, Fortaleza, 31 dez. 1998, p. 1.
- O'GRADY, Tânia Caminha. Feliz ano todo. *O Povo*, Fortaleza, 2 jan. 2000. Caderno Jornal do Leitor, p. 1.
- PAIVA, Flávio. Começar do zero. *O Povo*, Fortaleza, 4 jan. 2000. Caderno Vida e Arte, p. 8.
- PAULA, Ethel de. 1999. *O Povo*, Fortaleza, 10 mar. 1999. Caderno Vida e Arte, p. 1.
- PEIXOTO, Marcus. 1999: ano de dúvidas até para os profetas. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 28 fev. 1999. Caderno Cidade, p. 5.
- PETRY, André. O fim do mundo em 2012. *Veja*, São Paulo: Abril, ed. 2.137, p. 90, 4 nov. 2009. Seção Especial.
- POLÍCIA Federal mobiliza 3.000 agentes contra bug. *O Povo*, Fortaleza, 31 dez. 1999. Caderno Brasil, p. 13.
- POPULAÇÃO busca soluções esotéricas à crise. *Diário do Nordeste Online*, Fortaleza, 4 jun. 1999. Caderno Cidade. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/1999/06/04/>>. Acesso em: 13 jan. 2011.
- PRAIAS recebem bom público no primeiro dia do novo ano. *Diário do Nordeste Online*, Fortaleza, 2 jan. 2000. Caderno Cidade.

- Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/2000/01/02/>>. Acesso em: 1º abr. 2010.
- PREVISÕES apontam para um ano difícil. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 22 dez. 1998. Caderno Cidade, p. 16.
- QUEIROZ, Rachel de. Boas festas, bom Natal! *O Povo*, Fortaleza, 19 dez. 1998. Caderno Vida e Arte, p. 8.
- \_\_\_\_\_. Dois mil anos. *O Povo*, Fortaleza, 1º jan. 2000a. Caderno Vida e Arte, p. 8.
- \_\_\_\_\_. O Milênio. *O Povo*, Fortaleza, 30 dez. 2000b. Caderno Vida e Arte, p. 8.
- REPERCUSSÃO gera festas e pânico. *Diário do Nordeste Online*, Fortaleza, 11 ago. 1999. Caderno Cidade. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/1999/08/11/>>. Acesso em: 25 fev. 2006.
- SCHWARTZ, Hillel. *Fim de século*. São Paulo: Cultura, 1995.
- SHOW: Festa do final e começo do mundo. *O Povo*, Fortaleza, 11 ago. 1999. Caderno Vida e Arte, p. 4.
- SINAL dos tempos. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 8 maio 1999. Seção Comunicado, p. 9.
- SINFRÔNIO. Charge 1???. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 31 dez. 1998. Caderno Opinião, p. 2.
- SUDÁRIO, Fátima. Por uma nova ordem. *O Povo*, Fortaleza, 4 ago. 1999. Suplemento Milenarismo I, p. 7.
- TOGNOLLI, Cláudio Júlio. 35 milhões esperam o dia do apocalipse. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 jul. 1994. Caderno Especial, p. 3.
- UM ASSALTO à inocência. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 21 ago. 1999. Caderno Suplementos, p. 7.
- VIVER sem medo do futuro. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 28 dez. 1998. Caderno 3, p. 7.